

Director, editor e proprietário
António Dias Pinto de Castro
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4515

Notícias de Guimarães

Composição e impressão
IDEAL
de Mar. 1951
LIVRO LIDO PELA CENSURA
— AVENÇA —

FUNDADO EM 1932

NORTON de MATOS

El bri ripas percorriens...

Queiram ou não queiram os novos Feitores da nossa Terra, da nossa História e da nossa Política, a democracia, no que tão sofisticada ou temida palavra, de puro significa, no espírito do homem, de zelo instintivo e permanente e indomável pela independência e liberdade individual como base de amorosa organização familiar e do justo e perfeito equilíbrio das comunidades administrativas, económicas e políticas, é traço fundamental e o mais vinculado carácter, íntegro e viril, da consciência nacional portuguesa desde os mais remotos e apagados tempos até onde possa perscrutar-se os latejos da alma lusa.



Não é de estranhar, por isso, que, através as páginas da História de Portugal, ao surgirem os Grandes Vultos, aureolados pela Glória ou pelo Martírio, Heróis ou Santos, Guerreiros ou Filósofos, Nobres ou humildes, não se nota logo, em todos, e quase sem excepção, esse cunho tão revelantemente nosso, da sua devoção à Pátria como sendo a causa da nacionalidade nacional, ou, mais fielmente, da nossa terra e da nossa grei. A nossa grei da gente, mas de toda a gente, laboriosa e modesta, forte mas prudente, sóbria mas generosa, resignada mas sensível, sofredora mesmo mas inafeiçãoável a servidão de qualquer espécie, aquela que do escravo fez seu companheiro e seu amigo.

Em Norton de Matos, o Grande Português que a morte acaba de levar ao cemitério da formosa e sonhadora Ponte do Lima, revive, em prestígio, essa prestigiosa marca do nosso antigo feito, do carácter nacional, verdadeiro e são, e mais se prestigia nele e em Portugal Uno, continental e ultramarino, tanto pela corajosa revivência de qualidades amortecidas ou debeladas como, para a tornar mais sólida e conforme a nossos tempos, pelo incentivo progressivo e para elevar a dignidade nacional, sob os novos climas sociais, ao verdadeiro nível da dignidade humana.

Homem de inteligência reflectida e culta, é homem de acção prudente mas enérgica; decidida e operante; estadista, como se deve ser, vive atento aos problemas nacionais, não os desvia por ilusões sectárias, nem os desvirtua com preconceitos, nem os ilude com sofismas — estudados e resolve-os conforme eles são em sua realidade e sob a norma superior dos mais claros princípios do bem comum e da Pátria, como da Justiça e do Direito. Soldado, honra a sua farda — e Ele honrou o Soldado Português na forma como dirigiu, em um dos maiores transes da nossa História Contemporânea, na Guerra de 1914-1918. Colonialista, na Índia e em Angola deixou bem marcada a sua intervenção: não é favor, nem elogio, mas só dever primeiro e singelamente rudimentar, aceitar-se como dívida de gratidão para todos os portugueses, o extraordinário valor — valor de salvação e recuperação — da assombrosa obra por ele realizada em Angola.

Político, como político Norton de Matos foi amor à Pátria e à República, amor à Terra e amor ao Povo de Portugal, de um Portugal de honrados créditos, de honradas finanças, de honrada administração, de honrados servido-

*Saudade! — Eis o que em mim se amostra e lê!
Dia grande! — Hoje impera a poesia,
Recordação, lembrança... a nostalgia
Do tempo que vivi e já não é!*

*Bem destacados choupos a meu pé
Assobiam ao luar! — A fantasia
Passando loucamente em correria
Atrás daquela luz que mal se vê!*

*Voga meu pensamento submergido
Nas clareiras do ser tão esquecido
O mar-chão do não ser — tempo passado!*

*Voga meu pensamento ascensional!
Voga mais longe, ao mar de Portugal
Aonde o que já foi, ainda é lembrado!*

Dezembro, 54.

AGNELO CORREIA JÚNIOR.

Praça da República

Dizia «O Século» num artigo brilhante, publicado em 18 de Julho do ano que findou, a propósito da contradança constante, que se nota em algumas terras do país, nos nomes das ruas, que tal forma de se manifestar tendências políticas e simpatias especiais por certas individualidades, embora de renome local, era, pelo menos insensatez se não um acto de pura provocação.

Em Guimarães essa provocação é flagrante; tem havido uma espécie de frenesim em apagar das esquinas todos os nomes que possam relacionar-se, directa ou indirectamente, com a República.

É certo que a República, como regime político da Nação, proclamado e mantido com entusiasmo pela enorme e esmagadora maioria do povo português, nada sofre com essa mesquinha demonstração de rancor da parte de monárquicos que de qualquer outra forma em que haja nobreza não preferem servir os seus ideais.

Sejam quais forem as denominações que se gravem nas esquinas, a Nação é republicana, Portugal é uma república e Guimarães é uma cidade da República Portuguesa.

Circunstâncias extraordinárias e lamentáveis de que, — digamos sempre a verdade —, só os republicanos são culpados, têm dado oportunidade e facilidade a que a Câmara de Guimarães tenha sido constituída, desde há muitos anos, por elementos recrutados entre os monárquicos ou pessoas que, sem terem nunca estudado ou compreendido os princípios estruturais da República, são simplesmente contra ela por antipatia para com

aqueles que mais notoriamente a defendem.

Essas circunstâncias, porém, não autorizam as edilidades assim formadas, a servirem-se da eventualidade de uma investidura em funções públicas que a República generosamente lhes faculte e tolere, para traírem essa mesma República, procurando apagar da lembrança dos vimaranenses nomes, datas e símbolos gratos à alma e ao coração dos republicanos, que têm o direito de ser respeitados e servidos com lealdade e dedicação, porque neles está, legitimamente e de facto, a essência profunda da soberania nacional.

Proclamada a República, estava naturalmente indicado que facto de tamanha transcendência na história nacional ficasse assinalado de forma solene em todas as povoações do país, e em Guimarães, que é a terra mãe de Portugal, talvez primeiro do que em qualquer das outras.

Isso fez-se, sem agravo acintoso para o regime deposto, atribuindo as denominações República e Liberdade a duas ruas, consagrando em algumas outras os nomes de personalidades eminentes da democracia como sejam: Miguel Bombarda, Cândido dos Reis, Elias Garcia e Trindade Coelho, e apondo as datas gloriosas de 31 de Janeiro, 5 de Outubro e 13 de Fevereiro em mais três.

Ainda que o regime do país tivesse deixado de ser a República, não havia nunca o direito de se eliminar das ruas de Guimarães qualquer das designações acima mencionadas. República, em tal caso, que, aliás, nunca se dará, não deixaria de ser um sistema político que vigorara em Portugal pela vontade da Nação, que ficara na História, que fora sagrado pelo sangue, pelo heroísmo e pelo patriotismo de milhões de portugueses, e que dera ao país toda a obra de progresso e de engrandecimento realizada desde 5 de Outubro de 1910 até à data em que caísse. Esse nome de República na esquina de uma rua nunca por ninguém, cónscio da sua dignidade e do respeito devido à fé de uma imensa maioria do povo que a tinha proclamado e defendido, podia ser eliminado.

Liberdade é um ideal que em todo o mundo e desde que o mundo é mundo, tem sido, continua a ser e será sempre a aspiração máxima do homem. Porque até todos que a recusam aos outros a querem para si próprios e os tiranizam para a não perderem como exclusivo. O nome Liberdade numa rua é homenagem a um princípio universal que está na alma de toda a humanidade; retirá-lo é ignorância e grosseria.

Miguel Bombarda, Cândido dos Reis, Elias Garcia e Trindade Coelho são figuras excelsas da história nacional; qualquer desses homens foi grande e glorioso; qualquer deles honrou a Nação e são exemplo notável de proeminência intelectual, de patriotismo e de valor, que convém conservar sempre na lembrança dos vindouros. E' mesquinho e ridículo pensar-se que, pelo facto de os retirar da toponímia da cidade, se atenua a insignificância, quando não o valor negativo, de outros que se pretendam enaltecer.

31 de Janeiro, 5 de Outubro e 13 de Fevereiro são datas que simbolizam acontecimentos de exalta-

O PARQUE DO CASTELO

E A PERSPECTIVA DUM MUSEU HISTÓRICO

Nova Vereação, novo ano, novos propósitos de vida municipal.

Bom propósito anunciado, é aquele de se concluírem obras começadas.

De entre elas está o — *Parque do Castelo*.

E' para lá que convergem todos as excursões que nos visitam.

O maior número destas excursões tem um carácter cívico, pedagógico, nacionalista. Junto do monumento estacionariam os visitantes, se o terreno que o circuito fosse acolhedor: com árvores, relva e bancos.

Mas não. Tudo ali, no período canicular, parece hostil ao visitante.

Os grupos populares e escolares que usam aliar o útil ao agradável da merenda, não encontram ali amenidade.

Ora, para que o *Parque do Castelo* se intensifique e alargue, importa demolir aquelas casas miudeiras da antiga Rua de Santa Cruz.

Conjuntamente, para que estas casas se exproprieem, torna-se necessário acelerar

a construção das casas que se estão construindo no *Monte da Arcela*.

Demais, sabe-se de positivo que este *Parque do Castelo* interessa, como obra de valorização do monumento, ao próprio Estado.

O Estado que pela sua Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais continua a patentear vivas provas de querer dar vulto a esta obra, precisa que o Município vimaranense lhe ofereça uma colaboração entusiástica.

Ainda há pouco foi anunciada uma nova verba para prosseguir as obras de restauro dos *Paços dos Duques*.

Não se estranhe que, mais uma vez, eu fira a tecla — o *O Parque do Castelo*.

E' que, façamos o que fizermos, nada ultrapassa, em prestígio e glória, o nosso núcleo monumental — Castelo, Paços e Igreja de S. Miguel.

Ainda agora pela publicação no «Comércio de Guimarães» de uma carta do nosso conterrâneo António Lino Pedras (Pintor) e um artigo no «Diário Popular», do crítico de arte Dr. Teles de Menezes, é posta em destaque a vantagem de ver definitivamente colocadas nas paredes de uma das grandes salas do palácio ducal de Guimarães uma cópia das famosas *Tapeçarias de Pastrana*, que representam o feito de Arzila, no reinado de D. Afonso V, — tapeçarias historiadas que já por ocasião do *Centenário e Milenário* guarneceram, com notável êxito de adaptação, o nosso monumento.

O progresso de S. TORCATO

Segundo informações fidedignas vão iniciar-se em breve grandes e importantes obras no Santuário de S. Torcato, mercê dos constantes esforços que vêm sendo empregados pela mesa da Irmandade e muito principalmente pelo seu actual e digno Juiz, o sr. Condeheiro Raúl Alves da Cunha.

Também se iniciam em breve as obras, há muito desejadas, da reparação da estrada que desta cidade conduz àquele centro de devoção.

ção patriótica em que o coração do povo português vibrou em uníssono na mais sublime das demonstrações da sua virilidade, da consciência da sua força e da sua independência, do seu direito de emparceirar com os mais adiantados e civilizados povos do mundo. São datas que, seja qual for o sistema político da nação que venha a vigorar em séculos futuros, nunca mais poderão desaparecer da sua história, como marcos gloriosos da fé e vitalidade de um povo, da sua emancipação, da sua luta pela liberdade, da conquista heroica da grandeza culminante do civismo patriótico.

E' ser muito pequeno pretender que, riscando-as da esquina de uma rua, se atinge, diminuindo-o ou amesquinhando-o, o regime político que a lei constitucional da Nação consagra como expressão da vontade do povo português. E, todavia, isso aconteceu; substituiu-se República por Rainha D. Maria 2.ª; Liberdade por Madroa; Miguel Bombarda por D. João 4.º; Cândido dos Reis, num toso *chassé-croisé*, por Toural; Elias Garcia por Santa Maria; Trindade Coelho por Caldeira; 31 de Janeiro por Santo António; 5 de Outubro por Trinas e 13 de Fevereiro por S. Tiago.

Não precisam os santos de ser consagrados nas esquinas das ruas. Não faltam altares por diversos templos da cidade e concelho onde Santo António, S. Tiago e Santa Maria sejam adorados pelos crentes, e de Santa Maria há uma praça na cidade cuja denominação nunca ninguém pensou em substituir: a da Oliveira.

Se a Rainha D. Maria 2.ª, pelo facto de ter assinado, no cumprimento dos seus deveres constitucionais, a resolução pela qual a Guimarães foi reconhecida a categoria de cidade, merece ter o seu nome numa esquina, postergando-se o do ministro responsável que lhe apresentou o decreto e o referendou, do que a exaltação da sua memória não necessitava era de que para isso se escolhesse o cunhal de uma rua onde a denominação República já existisse, a não ser que esta passasse simultânea-

Escreve o referido escritor dr. Teles de Menezes:

«Onde ficarão melhor (as tapeçarias) do que nas majestosas salas do Paço dos Duques de Bragança, em Guimarães?»

«Ali, juntas ao pé do velho castelo, berço de Portugal... as esplêndidas tapeçarias de D. Afonso V ficariam melhor do que em qualquer outro local...»

Abre-se assim a perspectiva de um dia vermos instalar-se no grande monumento da nossa terra um *Museu de História Nacional*.

Torna-se, pois, urgente dar impulso à construção das casas no *Monte de Arcela*.

Sem isso não se podem demolir as casas miudeiras de Santa Cruz.

O *Parque do Castelo*, que tem de ser obra do Estado, aguarda que a Vereação faça o que lhe cumpre fazer nesta obra conjugada.

Não sejamos nós os *empata-tas*.

A perspectiva de um *Museu Histórico Nacional*, em Guimarães, já vem de longe.

Façamos de nossa parte, quanto possível, por aproximar esse advento.

Está nisso a valorização monumental de Guimarães.

Também assim o compreenderá, estou certo, a Vereação Municipal.

Avante! Novo ano, novos propósitos de vida.

A actuação municipal será um bom índice a patentear à Direcção Geral dos Monumentos Nacionais.

Um Grande de Portugal

Por A. GARIBÁLDI.

Quando, há precisamente 15 dias, recebi correspondência do general Norton de Matos, notei, com pesar, que era já trémulo o cursivo da sua caligrafia — mas longe de mim ficou a ideia de que dentro em pouco o egrégio varão deixaria de pertencer ao número dos vivos.

E' certo que a enfermidade que ultimamente o acometera, e a seguir o falecimento da irmã, o deixaram profundamente abalado.

Com a morte do general José Mendes Ribeiro Norton de Matos perde a nação uma lídima figura de patriota.

Foi um português de lei. Foi um Grande de Portugal.

Disse um dia o imortal poeta argentino Leopoldo Lugones: «Si quieres ser gigante, sé hombre».

Homem foi Norton de Matos, naquilo que a «hombría» tem de mais alto e mais belo: o culto da Liberdade e o amor da Pátria.

Por isso foi de gigante a sua vida — e gigante morreu: fiel à sua fé e à sua cidadania, no que esta palavra tem de rígido significado ateniense.

Só é grande na vida o que se realiza sob o influxo da Liberdade — que é o caminho vitorioso da alegria das pátrias.

Assim serviu a pátria portuguesa Norton de Matos, que quis ver feliz, dizendo: «na minha vida política, só a minha Pátria teve influência. Os meus combates foram sempre por ela; nas minhas pacíficas lucubrações só a ela vi».

Carece o nosso povo de mais liberdade, de patriotismo sem mácula e, sobretudo, de inteira união entre todos os portugueses.»

Assim nos aconselhava, como um velho de Esparta, o glorioso ancião que a Parca agora acaba de colher. As palavras que aí ficam, além

Continua na 2.ª página.

Continua na 2.ª página.

A. L. DE CARVALHO.

Conhecimento de línguas Praça da República TOMOU POSSE

Continuação da 1.ª página

Nunca a aprendizagem de línguas estrangeiras atraiu a tantos jovens como nos nossos dias. Há, sem dúvida, boas razões para tal facto pois num mundo agitado como o de hoje, no qual o medo das grandes catástrofes mantém os povos num estado de confusão geral, aquilo que oferece mais probabilidades a qualquer indivíduo para ganhar a vida e singrar é, no pensar de muitos, o conhecimento das línguas mais espalhadas na terra. Conhecimento que não tem só a vantagem de aumentar o número dos seres com quem se pode entrar directamente em relação, mas também a de ser o melhor meio de se demonstrar que se possui tal conhecimento pronunciando apenas umas palavras.

Nas outras matérias todo aquele que aspira a um lugar, embora alicerçando-se em cursos e diplomas ou em recomendações muito sérias, deixa sempre uma dúvida que só o tempo poderá dissipar, sobre a sua competência. No entanto, o domínio de uma ou mais línguas estrangeiras é uma coisa que se pode demonstrar instantaneamente e que aumenta o valor de outros conhecimentos. E, como vivemos num mundo que é mais ou menos uma cópia da Torre de Babel, convém poder-nos entender directamente com os desconhecidos que se nos deparam nos diversos andares e mesmo nos degraus da escada da monstruosa torre.

Porém, é necessário repararmos de que maneira se realizam hoje os estudos de idiomas. A primeira coisa que notamos nesta observação é que estes estudos se concentram quase unicamente sobre a utilidade imediata. Saber um idioma estrangeiro é, a nosso ver e em primeiro lugar, acrescentar uma chave ao nosso molho de chaves. Mas, na realidade, não se trata só de uma senão de várias para cada idioma. Há no molho uma chave de ferro que nos abre as portas da vida ordinária ou normal e há também a chave de ouro que nos coloca na posse do conhecimento das obras primas escritas na língua que aprendemos. É este um conhecimento que enobrecer e humaniza a vida de quem o adquire e, no entanto, é precisamente aquele que os alunos descuidam ou desdenham na sua aprendizagem, não por culpa deles, mas sim por culpa do espírito dominante que não os orienta devidamente e porque carecem de tempo para empregá-lo num esforço desinteressado.

Aquilo que lhes ensinam é o vocabulário da vida corrente e o dos negócios; ficando apenas com tão escassos conhecimentos passam, sem abri-lo, diante do cofre dos tesouros. Saber-se-á o inglês sem ler Shakespeare, Thackeray, Dickens e o francês sem ler Racine, Corneille, Pascal, Montesquieu, Voltaire e tantos outros grandes senhores das letras.

Nada mais característico a este respeito que o crescente afastamento do ensino de grego e latim em todos os países. Estas duas línguas mortas serviam antes para a cultura, ou seja, para o essencial e sem nenhuma utilidade acessória.

Quanto mais avançamos na posse duma língua mais sentimos um género de prazer que nenhuma outra disciplina ou estudo nos pode proporcionar em intensidade. Podemos ir confiadamente a um país estrangeiro e falar com as primeiras pessoas que nele encontramos. Fazer-nos perceber sem esforço, obter numa loja ou num restaurante aquilo que desejamos, causa-nos tal satisfação que pode che-

gar a converter-se em fatuidade.

Essa facilidade, quando se faz extensiva a vários idiomas, não deixa de ter os seus inconvenientes já que o nosso espírito se estende mais em superfície do que em profundidade. Quanto melhor sabemos expressar ideias vulgares em várias línguas mais corremos o risco de nos impregnarmos delas. Vamos assimilando através do nosso virtuosismo superficial as expressões empregadas sem precisão e, por vezes sem nexo, já que o espírito não pode ter o mesmo modo de expressão em vários idiomas. Para que seja penetrante e agudo é mister apurar-se falando com expressão escrupulosa a mesma linguagem.

Um francês do século XVIII célebre pela sua cultura e fino espírito, Rivarol, dizia ironicamente a alguém pouco inteligente que se gabava de saber quatro línguas: — Dou-lhe os meus parabéns, pois o senhor tem quatro palavras para uma só ideia!

A's vezes nem uma só ideia se chega a ter, só se têm palavras.

Dezembro de 1961.

J. GASPAR CRUZ.

UM GRANDE DE PORTUGAL

Continuação da 1.ª página

do simbolismo da sua acção, são o fruto da sua experiência de patriarca. Como um vidente da Reconquista, ou como um profeta da Pátria, a todos os portugueses indicava o caminho digno e fiel, a bem de Portugal.

Tem sido o Minho berço de generosos corações de liberais — e nesse número está Norton de Matos, filho duma terra — Ponte do Lima — que à nação deu incólitos varões: Diogo Bernardes, Cardeal Sa-

ESCLARECIMENTO

Um nosso distinto colaborador — A. Garibaldi — numa crónica que escreveu para o nosso jornal e referindo-se a assuntos vários da terra, fez alusão a uma carta particular do seu e nosso velho e prestimoso amigo prof. Abel Cardoso, referência essa que atingiu directamente o também nosso velho amigo sr. António Faria Martins, a quem nos prendem desde muito longe laços de estreita amizade. Não tendo sido publicada na íntegra a Crónica em referência, ficou-nos a impressão de que o que havíamos lido no original, relativamente ao assunto em questão, estava suprimido.

Portanto, se avaliará da nossa surpresa ao depararmos, mais tarde, com a publicação referida.

Lamentamos, pois, o facto, não só porque muito estimamos a pessoa visada, em quem reconhecemos qualidades apreciáveis, mas também porque este pequeno incidente, tendo-nos magoado, não deixará de surpreender, possivelmente, o autor da carta e bem assim o nosso prezado colaborador A. Garibaldi, que, espírito descendente como é, concordará talvez ter sido violento de mais, o que se justifica por um pouco de amor que tem às coisas de Guimarães, dando publicidade a um desabafo entre amigos, que feriu aquele cidadão vimezanense, credor da nossa estima.

Como temos o culto da Justiça, que nos esforçamos por manter e demonstrar em todos os aspectos da nossa actividade no jornalismo, consideramos este esclarecimento suficiente para confirmar a nossa lisura de processos.

mente para outra rua ou praça mais central ou importante.

Madroa, Caideiros, Trinas e Toural são designações populares, a última bem pouco limpa, sem significado actual que as justifique desde que outras, de homenagem a grandes figuras nacionais ou de consagração de acontecimentos gloriosos da história, se torne oportuno realçar.

D. João 4.º nada teve de restaurador; restaurador foi o povo que sacudiu o jugo espanhol e que impôs ao Duque de Bragança a coroa que ele recusava pelo receio de que lhe cortassem o pescoço; em vez de D. João 4.º ficaria melhor Restauradores como se preferiu em Lisboa; mas, se era oportuno aproveitar-lhe o nome para o pôr numa rua como símbolo da luta de um povo pela sua liberdade, poderia isso ser feito com o cuidado de não provocar a comparação da elevada e nobre individualidade de Miguel Bombarda com a de um príncipe que ainda se não sabe que mais lhe admirar, à parte do seu egoísmo: se o encarceramento de D. Francisco Manuel de Melo, se a valentia que Júlio Dantas lhe atribui no «Rouxinol das Saudades», se a entrega de Portugal ao patrocínio da Imaculada Conceição.

Guimarães já se afasta da maioria das povoações do país pela carência de algumas demonstrações de civismo, de cultura e de sentimentos patrióticos a que os seus dirigentes nunca quiseram atender. Não acompanhar as restantes terras portuguesas na sua natural evolução de progresso moral e material é muito mau, mas retrogradar no que a impulso de vimaranenses desempoeirados e de alma franca tiver sido atingido é revoltante.

raiva, António Feijó. Também Norton de Matos é da estatura brônzea desses vultos augustos. Glória do Minho, e de Portugal, prova que o Minho é o berço onde se criam liberais.

Serviu a Pátria nas horas difíceis, como um cavaleiro do Ideal, com energia e com brilho. Foi-lhe fiel, porque a procurou guiar para grandes destinos, desprezando violências e ilícitos — não a doutrina duma acção decidida e baseada em optimismos construtivos, redentores e salvadores.

Foi um homem raro e insigne, que faria o orgulho de qualquer pátria civilizada.

Como soldado, foi um militar prestigioso e digno; foi ministro da República numa hora grave da Pátria, que precisava dum pulso enérgico que a levasse a marcar o seu lugar de honra ao lado das nações que se batiam pelo Direito, e o que com honra se fez, mercê dos esforços e dos méritos de reorganizador notável do nosso exército, que foi Norton de Matos; foi nosso embaixador em Londres, onde sempre soube defender os interesses de Portugal; supremo jerarca em Angola, onde realizou uma obra notabilíssima, que desafiará as idades; e foi sobretudo, e finalmente, um venerável cidadão, um homem livre, um austero carácter, um nobre idealista, um digno chefe de família — numa palavra: o general Norton de Matos foi um cidadão perfeito, um verdadeiro varão de Plutarco.

Viver é realizar a vida com recta consciência e humana atitude. E' servir os homens naquilo que lhes é mais caro — e o que mais caro é aos corações dos homens é o anseio de liberdade redentora que lhes ferve no coração. Só servindo esse anseio humano se pode dizer que se viveu uma existência de recta consciência, uma vida plena, porque se serviu a vida no que ela tem de mais alto, de mais belo, de mais digno, de mais edificante.

Tal foi a vida gloriosa do general Norton de Matos — longa existência de nobre conduta social e humana, servindo as suas ideias com exemplar dignidade e elegância, servindo os homens, todos os homens, com o mais belo

Guimarães tinha a sua Rua da República, como a têm, rua ou praça, as restantes vilas e cidades de todo o país. Fizeram desaparecer esse preito ao regime a que todos os portugueses devem acatamento, mesmo aqueles que lhe são adversos; foi erro criminoso que urge reparar, para ressalva da dignidade vimaranense.

Há uma praça em construção que será a mais bela da cidade, quando concluída, sobretudo se não lhe retirarem definitivamente o grandioso monumento artístico dos Paços do Concelho, para o qual foi delineada. Essa praça bem como todo o bairro, como toda a cidade nova que dela irradia para nascente e sul, são obra da República: podem destruir o edifício monumental dos Paços do Concelho; o que nunca poderão fazer desaparecer é a cidade nova que para essa praça converge e que há-de continuar e que há-de formar-se e que já lá está esplêndida e soberba a impor-se à admiração de todos que para aquele lado se encaminhem. Essa cidade e essa Praça são da República; aquele que as concebeu, que as idealizou, as formou na sua imaginação e encarregou os técnicos de as planejar, consubstanciava no momento da sua inspiração a República que era a sua paixão, como ainda o é hoje, tantos anos volvidos. Tudo isso brotou do desejo de engrandecer Guimarães para glória da República. Essa praça é da República; todo o bairro novo, de que a parte já construída é simples parcela, é do Bairro da República.

Mumadona se, pelo facto de ter mandado fazer, por suas conveniências de carácter religioso, um mosteiro e depois, para melhor o proteger, ampliou o castelo, sem nunca lhe ter passado pela ideia que os casebres para os obreiros dessas construções viriam a constituir o núcleo de um burgo, tiver jus a que o seu nome seja, por tão banal casualidade, lembrado, poderá facilmente ser homenageada inscrevendo-se-lhe em qualquer esquina das proximidades do Largo da Oliveira ou da Praça de S. Tiago, onde esse mosteiro existiu, ou no Campo que circunda o Castelo.

Mas deem à praça principal das obras novas a denominação de Praça da República porque ela realmente o é, porque sem a República ela não existiria e porque com tal deliberação a Câmara só se dignificará, e mais ainda se os seus componentes não forem republicanos.

Por essa forma se prestará culto à Justiça e à Verdade; porque é certo que todos aqueles arruamentos, acabados, em construção ou simplesmente em projecto, a leste da muralha da estrada de Fafe, desde a Senhora da Guia ao lugar do Canto de Cima, são obra da República e não haverá nunca possibilidade humana de a destruir por mais tampões com que tentem obstruí-la, por mais bodes expiatórios que venham a este mundo.

M.

gesto solidário a que um generoso coração de idealista e de democrata pode dar-se.

Grandes povos são aqueles que podem contar tais velhices gloriosas e livres — porque é sinal de que a conduta elevada desses velhos será uma lição que há-de produzir admiráveis frutos de cidadania.

Há um ano, me dizia Norton de Matos:

«Estou muito velho, a caminho para os 87 anos. Para pouco valho já, com pouco mais posso servir a minha Pátria; mas continuarei a expor esse pouco, apontando a grandeza da Nação Una e os perigos que nos cercam de perto e de longe.»

Essa é a lição que nos dá a vida impoluta e enérgica, combativa e plena, do grande homem de bem que foi José Mendes Ribeiro Norton de Matos. A sua vida foi um símbolo: representou uma geração varonil que soube construir, apoiada em ideais optimistas, nobres e patrióticos.

A lição que nos deu — e que se sintetiza naquelas palavras que transcrevo —, revela a grandeza da sua alma, e como dignamente procurou servir a terra lusitana, que lhe foi berço. Perante a Pátria e perante a vida, o general Norton de Matos, verdadeira figura nacional, não poderia ter cumprido mais alevantado destino.

Janeiro de 1965

A. GARIBALDI.

Lado e assinal o Notícias de Guimarães

A NOVA VEREAÇÃO MUNICIPAL

No pretérito dia 1 reuniu a Câmara Municipal para a distribuição dos pelouros da no-



Dr. José Maria de Castro Ferreira
Novo vereador

va vereação, que foi feita do seguinte modo:

Assistência e higiene, dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, (médico); Matadouro e cemitério, dr. Júlio Soares Leite, (médico); Cultura e Desporto, dr. José Catanas Diogo, (Prof. do Liceu); Luz



Dr. Júlio Soares Leite
Novo vereador

e Jardins, Manuel Soares Moreira Guimarães, (Proprietário); Mercados, José Maria Pinto de Almeida, (Guarda-Livros); Viação e Trânsito, António Urgezes dos Santos Simões, (Industrial); Secretaria, Tesouraria, Polícia e Obras, Presidência; Administração dos Serviços Municipalizados, Manuel Soares Moreira Guimarães e José Maria Pinto de Almeida; Comissão Municipal e higiene, dr. José Maria de Castro Ferreira.

Abandonaram a Câmara Municipal, por haver terminado

A CLASSE dos Caixeiros Viajantes realizou a sua Confraternização anual

Os Caixeiros Viajantes desta cidade, realizaram no dia 4, no Restaurante Jordão, o seu jantar de confraternização — iniciativa que anualmente vem contribuindo para o estreitamento de relações entre os membros da numerosa classe.

Ao repasto presidiu o escritor sr. A. L. de Carvalho, que tinha a lede-a-lo os srs. José de Oliveira, António José Ferreira, José Machado Teixeira, Carlos Mendes Ribeiro, Antero Pereira de Freitas, João de Oliveira, etc.

Iniciou a série de brindes o sr. Carlos Mendes Ribeiro, que saudou o sr. A. L. de Carvalho, cuja presença agradeceu e que vinca bem a personalidade distinta dum verdadeiro vimaranense.

«Esta festa — afirmou — demonstra bem a união da classe, que se projecta através do país».

Terminou, desejando a todos as maiores prosperidades.

Seguiu-se-lhe no uso da palavra o sr. António José Ferreira, que se congratulou por saber que só nesta cidade se faz uma festa assim, tão significativa, fazendo votos pela sua continuidade, no futuro.

O sr. José Gonçalves fez considerações de ordem social e destacou os objectivos de solidariedade da classe, a quem sauda, como uma verdadeira família.

o seu mandato, os vereadores srs.: António Faria Martins, dr. Carlos Saraiva, José Mendes Ribeiro Júnior, José Francisco Rosas Guimarães e Manuel Alves de Oliveira.

Apresentamos os nossos cumprimentos à nova vereação



Manuel Soares Moreira Guimarães
Novo vereador

ção e fazemos votos pelas suas prosperidades a bem de Guimarães.

A nova edilidade vimaranense reuniu em sua primeira sessão ordinária no dia 5, estando presentes todos os vereadores, tendo presidido à reunião o ilustre Vice-Presidente, em exercício, sr. Eng.º



António Urgezes Santos Simões
Vereador que já serviu no ano findo a Câmara Municipal

António Rodrigo de Araújo Pinheiro.

Foram tratados diversos assuntos, afirmando todos os vereadores, no decorrer da reunião, os seus bons desejos de trabalhar em prol do progresso do Concelho de Guimarães.

A seguir, levantou-se o sr. Arminho Ferreira da Cunha, que abordou, sob vários aspectos, a finalidade da confraternização dos Caixeiros Viajantes de Guimarães, destacando o seu espírito incondicional de camaradagem.

«Para nós — disse — confraternizar é comungar solenemente na alegria, na satisfação — é sentir, é vibrar, é matar ao coração a fome de saudades».

O sr. António Luís Teixeira afirmou o seu amor a Guimarães, fazendo a apologia do convívio da classe, de que resultarão bons frutos no próprio conhecimento recíproco dos seus problemas e das suas ansiedades.

Encerrou a série de brindes o sr. A. L. de Carvalho, a quem foi tributada uma calorosa ovação.

O orador destacou o magnífico exemplo de camaradagem da classe dos Caixeiros Viajantes da nossa terra, incitando-a a um espírito de aperfeiçoamento.

Sente-se desvanecido, alegre e satisfeito, ao contacto, no declínio da vida, com aqueles que tão briosamente representam a nossa terra no vasto campo das actividades comerciais. Destacou os sentimentos de fraternidade de que dão boas provas e históricos factos cujo conhecimento despertou muito interesse.

Todos os oradores foram muito ovacionados, tendo a Imprensa sido alvo de referências elogiosas. O sr. Carlos Mendes Ribeiro indicou, depois, a Comissão encarregada de realizar a festa no próximo ano e que é composta dos

Carta a uma Senhora

Minha Senhora
Na última página do Jornal «O Primeiro de Janeiro» li, no dia um do Novo Ano, os seguintes versos:

«Desponta o Ano Novo. E pelas Almas Corre um tóbar de anseios e de as; Acordam velhos sonhos de horas mansas E há novas energias em botão. O ano passa e deixa no caminho Cinzas de sonhos, risos de venturas; Mas sobem esperanças novas às alturas. Mas outro Ano acende o seu clardo».

Embora os gostos sejam relativos ou, como diz a voz do povo, «gostos não se discutem», eu devo confessar que encontrei nestes versos uma imagem muito perfeita, acerca da passagem por este mundo, isto é, que uns encontram no caminho da vida, cinzas de sonhos e outros risos de venturas.

De facto, minha Senhora, nada mais verdadeiro, nada mais positivo poderemos integrar no nosso espírito para que, através desse conceito, possamos ver projectado o destino de cada um, sempre sujeito a ilusões que nasceram de energias em botão ou a esperanças que se transformaram em sugestivo clardo de glória.

Porém, como nem todo o ser humano pode gozar a beleza da felicidade em toda a sua pureza e em todos os seus efeitos, torna-se, pelo menos, necessário que os infelizes não invejem a felicidade dos outros, visto esta poder atenuar a situação dos que sofrem graves torturas da vida. Dizia Bossuet: «Ser feliz é ver sem inveja a felicidade dos outros e ver com alegria a felicidade comum».

Sim, minha Senhora, invejar a felicidade alheia será o mesmo que exteriorizar uma negação absoluta em matéria de lógica sentimental, enquanto, por outro lado, se revela manifesta qualidade de inferioridade social. Se, por acaso, não existisse a felicidade de uns para tornar a vida de outros menos infeliz, maior, muito maior, teria de ser o cenário da miséria e, portanto, muito maior seria também o número das suas vítimas.

Além disso, a esperança em melhores dias nunca deverá deixar de ser um factor construtivo para aqueles que não perdem a Fé, a qual acalenta e estimula as energias necessárias à luta pela vida. Será assim, pois, que ela deve ser compreendida perante as tempestades que surgem no decorrer do Novo Ano, tanto mais que os desalentos não criam horizontes de esperança nem abrem clarões de bonança aos anseios da humanidade.

De resto, como disse a V. Ex.ª na última carta, o 1935 ainda está a estudar o A. B. C. do seu programa e é natural que esse estudo seja feito de molde a chegar ao fim do seu reinado sem desencadear tempestades que possam desagregar as moléculas criadoras da solidariedade humana, infelizmente tão atingida em anos anteriores.

E aqui tem, minha Senhora, como o caminho da vida tanto pode ser tapetado com cinzas de sonhos como com risos de venturas!

De V. Ex.ª
cd.º ven.º e obg.º
X.

No MEU CANTINHO

No domingo, dia 2.
No Comércio tripeiro de ontem, só li os preciosos Estudos de Serras e Silva e Humberto Araújo.

O Jornal do Antonino, sempre belo.
O Fundo do dia d'ontem, que Riqueza!

A Sequência do nosso A. L., outra Riqueza!
O Poema do meu Torcato, à altura dele.

Os meus 83 são perturbáveis. Até me perturbou o Garibaldí Amigo!

Quarta-feira, dia 5.
Quatro vezes interessante, o Editorial do Diário do Minho de ontem, sobre o Papado.

Deixa algo a desejar, a Crítica que o mesmo Jornal faz às admirabilíssimas «Parabólas de sempre» do Grande Escritor e Poeta, Agostinho Veloso.

GERESINO.

sra. Rodrigo Fernandes Abreu, Benjamim Pereira dos Santos e Jerónimo Teixeira de Carvalho.
No final e no palco do Restaurante, fez-se ouvir, na exibição dos «Reis», um grupo dos Empregados do Comércio, que foi muito aplaudido.

AVANTE! Cantar do Serrano

que foi para o Mar e se perdeu da Alegria...

II

E' na Alegria perdida que eu rezo as contas da Vida, nas vagas do Mar cantando: — e nesta amarga porfia se me foga a luz do dia na vida que vai findando...

Minha Alegria tamanha lá se perdeu na montanha e me enlaçou na Saudade: — do meu Sonho companheira, ambos cresceram à beira, são irmãos da mesma idade...

No bramir da maré viva vai meu Sonho à deriva, ao sabor das crespas águas: — no lugre onde se conduz, há muito não brinca a luz, que a cinge um crepe de mágoas...

Em busca de longe porto navega meu Sonho morto, no leme pouca a esperança: — açoitada nas procelas, num triste barco, sem velas, minha ilusão se balança...

... Mas no Mar, encapelado, vive uma Sombra a meu lado, que, sendo Sombra, é feroz: — é um riso de carinho, dando graça ao meu Caminho, da bruma fazendo sol:

— é a luz do Teu olhar que anda na espuma do Mar nos beijos do sol-poente: — e nas marés da Amargura, Ele esta sombra procura e a abraça ternamente!...

SALVADOR DANTAS.

Os «Reis»

Seguindo um costume tradicional, um grupo de Empregados do Comércio exibiu os «Reis», nos dias 4, 5 e 6, em diversas casas particulares e de assistência, desta cidade, bem como na cadeia, gesto que merece louvores por proporcionar alguns momentos de alegria a tantos a quem o infortúnio bateu à porta.

Em benefício da «Casa da Marcha», o mesmo simpático grupo, de colaboração com o «Ritmo Louco», levou a efeito no dia 6, no Teatro Jordão, um acto de variedades, exibindo, com geral agrado, os «Reis», cuja letra, sobre motivos locais, é da autoria do sr. João Xavier de Carvalho, com arranjo musical do sr. Manuel Marques Ferreira.

Alguns ranchos populares atravessaram ainda as ruas da cidade, cantando os «Reis», num respeito à tradição que se mantém na alma do povo, embora sem o colorido e a alegria de outros tempos...

Lactário Municipal

Também se deu, pelo Natal, a consuada a 40 crianças subsidiadas pelo Lactário Municipal, de que é mui digno director o sr. dr. José Maria de Castro Ferreira.

Contribuíram para este acto tão generoso as seguintes senhoras: D. Camila Marques Rodrigues Abreu, D. Maria Ascensão Garcia Ferreira da Cunha, D. Custódia Salgado Pereira dos Santos, e os srs. Comendador Alberto Pimenta Machado, José Jacinto Júnior, António Vieira da Cruz Júnior, Manuel Moreira Guimarães, Agostinho Guimarães, José Gonçalves, Joaquim Laranjeiro dos Reis, Herculano Queiroz Dias Castro, Alberto Laranjeiro dos Reis, Fernando Setas, Francisco Laranjeiro dos Reis, Joaquim Ayres Vaz Vieira, José Laranjeiro dos Reis, António Sequeira, Luís Correia da Cunha, Camilo Laranjeiro Reis Matos, J. Carvalho, Anónimo J. L., Abreu Lopes & C.ª, Freitas, Mendes, Fernandes & C.ª, Lid.ª, Lobo e Irmão e o menino Manuel Alberto Correia Ribeiro.

Cada enxoval era composto por 8 peças.

Concurso de Montras

Esta realização do Centro de Recreio Popular da cidade de Guimarães, F. N. A. T., obteve a seguinte classificação:

1.ª categoria — 1.º, A. J. Ferreira da Cunha, Ferragens; 2.º, Sapatária Vimaranesa, Sapatária; 3.º, Freitas, Silva & C.ª, Lid.ª, Fazendas; Mensão Honrosa, Casa das Porcelanas, de José Vieira.
2.ª categoria — 1.º, José de Freitas Neves, Artigos eléctricos; 2.º, Bernardino Jordão, F.º & C.ª, Largo 28 de Maio, Artigos eléctricos;

O NATAL DOS NOSSOS POBRES

Transporte . . .	16.500\$00
Dr. Alfredo Bravo	20\$00
Arnaldo Trancoso Falcão	20\$00
Amadeu C. Penafor, Filhos	150\$00
Padre Manuel Martins — Revelhe	20\$00
Armando Pinto Ribeiro — Vila Junqueiro	90.00
José Torcato Ribeiro Júnior	100\$00
Ezequiel de Sousa	20\$00
Padre António Teixeira de Carvalho	20\$00
António Moreira Gomes Firmino Gonçalves Conde — Porto	20\$00
Est. Lino Teixeira de Carvalho — Lisboa	100\$00
José António Pinheiro	10\$00
António Almeida	100\$00
Dr. Bertino Daciano — Porto	20\$00
Manuel Castro Ferreira Anónimo	20\$00
C. C., em lembrança de Luís Filipe Coelho	100\$00
Família de Júlio António Cardoso — Lago	20\$00
Anónimo, por alma de sua mãe (a)	1.000\$00
Alfredo Barbosa da Silva Melo Júnior	20\$00
Carlos Teixeira Pinto — Braga	20\$00
João Leite de Oliveira — S. Tiago de Candeos	20\$00
Comendador Albano de Sousa Guise — Rio de Janeiro (b)	500\$00
Alberto da Silva Caidas — S. Paulo	200\$00
Oscar Avelino Pires	50\$00
João M. Rodrigues Martins da Costa	50\$00
A. A.	20\$00
José Jacinto de Carvalho	20\$00
Francisco Baptista da Cunha	20\$00
António Duarte da Silva Garcia — Porto	20\$00
Manuel António de Castro	20\$00
Agostinho da Silva Azeias	100\$00
Henrique Correia Gomes	10\$00
Dr. Serafim Ferreira de Oliveira	20\$00
Manuel Antunes da Cunha — Rio de Janeiro	100\$00
Albano M. Coelho de Lima	200\$00
José de Sousa Pinto — Lisboa	20\$00
J. P. C., por alma de sua mãe	20\$00
Anónima, por alma de seu marido	20\$00
Joaquim Lopes Martins — Porto	20\$00
Comendador Constantino Castro Ribeiro — Rio de Janeiro	900\$00
António José Ferreira — Faro	20\$00
António Luís Teixeira — Beja	20\$00
Anónimo — Paços de Ferreira	50\$00
D. Maria José Ribeiro Vilas Soares — Funchal	20\$00
Artur Fernandes de Freitas	100\$00
Artur Alfredo Rodrigues, de S. Tomé	50\$00
Total . . .	20.800\$00

(a) — Do mesmo anónimo recebemos: 500\$00 para o Asilo de Santa Estefânia; 500\$00 para as Oficinas de S. José; 500\$00 para a Casa dos Pobres e 500\$00 para a Ceia de Consuada dos Pobres em S. Crispim.

(b) — Do mesmo generoso subscritor recebemos: 1.000\$00 para a Ceia de Consuada dos Pobres em S. Crispim e 500\$00 para o Asilo de Santa Estefânia.

No próximo número daremos a nota de todos os donativos recebidos durante o ano e da forma como foi feita a sua distribuição, o que não fazemos hoje por escassez de espaço.

Novenas de S. Sebastião

A Irmandade do Mártir S. Sebastião, erecta na igreja de S. Damaço, precedendo a festividade do dia 20, principiará no próximo dia 11 do corrente, pelas 18 horas, as novenas em honra do seu Padroeiro.

3.ª, Ourivesaria Lopes, Rua da Rainha; Mensão Honrosa, Aureliano Fernandes, Sucrs, Rua da Rainha.
3.ª categoria — 1.º, Amadeu C. Penafor & Filhos, Artigos eléctricos; 2.º, Relojoaria Tic-Tac, de Adolfo Machado; 3.º, José Fernandes, Ourivesaria; Mensão Honrosa, J. Carvalho Melo, Armazéns Carmelo.

Os prémios, diplomas e meda-lhas comemorativas serão distribuídas oportunamente, e que se comunicará.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:
No dia 11, o nosso prezado amigo sr. Abílio Ferreira de Oliveira, importante industrial em S. Martinho do Campo, e os nossos bons amigos srs. João de Freitas, de Urgeses e Manuel Joaquim Dias; no dia 12, o nosso prezado amigo e ilustrado abade de Ronfe, rev. P.ª Horácio de Araújo, e a sr.ª D. Maria da Vitória de Sousa Guise; no dia 14, a sr.ª D. Maria de Lourdes Ferreira da Costa, esposa do nosso prezado amigo sr. Inácio Ferreira da Costa e o nosso bom amigo sr. António de Sousa Almeida; no dia 15, a sr.ª D. Maria Beatriz Teixeira Carneiro Oliveira e os nossos bons amigos srs. Benjamim de Almeida Ferreira, Mário Simões de Sousa Meneses e Joaquim Pereira Soares, e as sr.ªs D. Margarida Beatriz Teixeira da Cunha e D. Maria Tereza Arantes Gonçalves; no dia 16, a sr.ª D. Margarida Simões de Sousa Meneses e mademoiselle Maria Isabel Ribeiro Portilha.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Faz anos no dia 15 o menino Mário Acácio Guise Pinheiro Figueiredo, filho da sr.ª D. Isabel Guise Pinheiro Figueiredo e do sr. Fernando Figueiredo. Parabéns.

Pedido de casamento

A sr.ª D. Camila Estefânia de Sousa Machado, residente no Porto, amiga íntima da família do noivo, pediu em casamento a menina Maria Odete Meneses Macedo e Abreu, filha do sr. Francisco Augusto e Abreu, já falecido, e de sua esposa a sr.ª D. Maria Adelaide Meneses Macedo e Abreu, para o nosso conterrâneo e amigo sr. João José da Mota Passos Bastos, filho do sr. António da Costa Teixeira Bastos, já falecido, e de sua esposa a sr.ª D. Antónia Fernandes da Silva Passos Bastos.

O enlace realizar-se-á brevemente.

Aos noivos, desejamos as maiores venturas.

Partidas e chegadas

Cumprimentamos nesta cidade o nosso ilustre colaborador e prezado amigo sr. A. L. de Carvalho.

— Encontram-se entre nós os nossos prezados amigos srs. João Isidoro Bouças, de Lisboa, e António Luís Teixeira, de Beja.

— Com suas esposas estiveram nesta cidade os nossos bons amigos srs. João Rodrigues Pereira Guimarães, residente em Lisboa, e João Passos Ferraz, residente na Póvoa de Varzim.

— Regressou de Fão, onde esteve algo doente, encontrando-se já restabelecido, com o que muito folgamos, o nosso prezado amigo sr. P.ª Avelino Pinheiro Borda.

— Esteve nesta cidade de visita à sua família, tendo já regressado ao Funchal, a nossa ilustre colaboradora sr.ª D. Maria José Ribeiro Vilas Soares (Zita de Portugal).

— Encontram-se entre nós o nosso prezado amigo sr. António José Ferreira, de Faro.

— Partiu para os Açores o nosso prezado amigo sr. Herculano José Fernandes.

Doentes

Tem estado doente a sr.ª D. Virgínia Ferrão, distinta professora da Escola Comercial e Industrial de Guimarães.

— Regressou da Ordem do Terço, do Porto, a sr.ª D. Maria Benedita Pereira Machado, funcionária dos C. T. T., que entrou em franca convalescência da sua operação à vesícula.

Merecido louvor

Realizou-se há pouco, em Ferreira do Zézere, um Cortejo de Oferendas em benefício do Hospital da Misericórdia, o qual constituiu, segundo lemos num colega de Tomar, acontecimento digno de registro.

Sabendo, por amável informação, que muito contribuiu para o resultado daquela jornada o nosso estimado conterrâneo sr. Manuel Luís de Matos Júnior, daqui queremos aplaudir a sua acção em prol dos pobres, juntando o nosso louvor ao daqueles que já lho testemunharam em prova de muito apreço. E registamos, a propósito, a seguinte referência feita pelo «O Templário»:

«Antes de terminarmos estas pequenas notas do Cortejo, não queremos fazer sem prestar justiça a quem a merece. Sabemos que a iniciativa do Cortejo e o resultado do seu êxito se deve em grande parte à acção inteigente e espírito combativo do Ex.º Sr. Manuel de Matos Júnior que muito embora não seja Ferreirense, nem tenha com o Concelho interesses ligados, tem dedicado ao Hospital, na parte administrativa, todo o seu saber e aos doentes o melhor dos seus cuidados e carinhos.

Estão, porisso, de parabéns, além daquele digno Vimaranesa, os restantes membros da Comissão Administrativa do Hospital, Sra. Dr. Rui Pena Monteiro Baptista e Henriques Pinto de Oliveira; Sr. Presidente da Câmara; Os Reverendos Párocos das freguesias; As Comissões e Sub-Comissões e, duma maneira geral, todo o povo do Concelho pela maneira altruista como souberam cumprir o seu dever.

Congratulamo-nos pelo êxito obtido».

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Hoje, dia 1, está de serviço permanente a Farmácia do Laboratório Hórus, ao Largo do Toural, Telef. 4329.

cómodos o nosso prezado amigo sr. Capitão Joaquim Ferreira Pedras.

— Tem passado doente a esposa do conceituado industrial de Vizeira e nosso prezado amigo sr. Joaquim de Sousa Oliveira.

— Encontra-se melhor dos seus padecimentos a esposa do nosso bom amigo sr. Manuel de Oliveira Cosme.

— Tem passado doente o nosso prezado amigo sr. Capitão José Maria Pereira Leite de Magalhães Couto, ilustre Deputado e Presidente da Câmara Municipal.

— Tem passado ligeiramente doente a esposa do nosso particular amigo sr. José Torcato Ribeiro Júnior, sr.ª D. Maria da Madre-de-Deus Almeida Ribeiro.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

Armando Umberto Gonçalves

Após prolongados sofrimentos e confortado com todos os sacramentos da Santa Madre Igreja finou-se, na sexta-feira à noite, na sua residência à rua Padre António Caldas, o antigo e estimado comerciante local sr. Armando Humberto Gonçalves, que contava 72 anos de idade e era natural de Monção, mas residia nesta cidade há longos anos, sendo sócio da conceituada firma «Manuel Pinheiro Guimarães & C.ª».

O extinto era casado com a sr.ª D. Amélia Ribeiro Gonçalves e irmão da sr.ª D. Deolinda Gonçalves, tendo desempenhado vários cargos, entre eles os de Administrador do Concelho, Vereador da Câmara Municipal, Mesário da Ordem T. de S. Domingos e das Irmandades de N. S. do Carmo da Penha, da Misericórdia e das Almas, de S. Pedro, e Membro da Junta de Turismo da Penha.

O seu funeral efectua-se hoje, domingo, às 11 horas, na capela da V. O. T. de S. Domingos.

A toda a família enlutada, apresentamos sentidas condolências.

Mamede Coelho

Faleceu, em Vizeira, o sr. Mamede Coelho, conceituado mestre de obras, cujo funeral se efectuou ontem, com muita concorrência, na freguesia de S. Miguel das Caldas, daquela Vila.

A família dorida apresentamos condolências.

De luto

Pelo falecimento de sua Mãe e Avó, ocorrido há dias, guardam luto, respectivamente, o sr. Joaquim da Silva, conceituado proprietário da «Pensão Guimarães», e a esposa do estimado negociante local sr. Elísio de Almeida Oliveira Varela. O nosso cartão de pesar.

DESPORTO

DESPREZO

Não sabemos, no momento em que estamos a escrever, nada sobre a resolução final do recurso interposto, junto do Sr. Ministro da Educação Nacional, sobre a transferência do jogador Caraca para o Lusitano de Evora. Pode até acontecer que quando esta local vier publicada já seja do conhecimento público o despacho ministerial referente ao citado caso. Assim, escrevemos o que se segue, na convicta opinião de que o alto espírito de justiça, de quem tem de se pronunciar, tomará aquela deliberação que a boa ética desportiva e o direito justificam.

Mas seja qual for a solução, somos obrigados a receber hoje, no nosso Campo da Amorosa, imposto pelo calendário da prova, aquele clube que consideramos, e sempre consideraremos, como menos leal para conosco. Não é somente o «caso Caraca» o motivo da posição por nós tomada, pois já anteriormente, para com Teixeira da Silva, houvera procedimento análogo, e ainda se pode julgar que a saída de Cândido Tavares, do Vitória e o seu ingresso no mesmo clube, decorreu também sem ser salvaguardada, em lógica cortesia, a nossa opinião quanto a uma sua possível retirada. Mas este está lá muito bem...

Tudo isto justificou o corte de relações, que se deliberou em Assembleia Magna da massa associativa do Vitória e que, em ridícula atitude, se diz não ter sido retribuído. Como se fosse possível uma situação dessa natureza...

Por tudo isto temos hoje de tomar no nosso campo aquela atitude de desprezo que merecem aqueles que cá somos obrigados a receber. É o melhor modo de demonstrar esse desprezo é com o silêncio — absoluto silêncio —, desconhecendo a sua existência ou a sua presença, no convencimento de que o nosso Vitória está disputando um encontro por obrigatória condição e não naquela agradável situação que justifica sempre a competição desportiva.

Torna-se evidente que tudo isto não diz respeito à cidade de Evora, de gloriosas tradições, mas somente àquele núcleo que a representa fora dos princípios que são seu justificado sentimento.

Assim, daqui, do Berço de Portugal, donde partiram as hostes Afonsinas, que foram lá abaixo, até ao Sul do País, tornar portuguesa a estepe alentejana, daremos mais uma lição de civismo e de sãos princípios, do que nos orgulhamos com justificada razão.

— Silêncio absoluto, como manifestação pura de Desprezo!

UM DE NÓS.

“O NACIONAL” DE JORNADA A JORNADA

Setúbal, 2 — Vitória, 2

Um ponto precioso que deve ser estímulo para a recuperação precisa

Quando, no último número deste jornal, apelamos para o público adepto do Vitória, no desejo que este criasse um ambiente de esperança em volta da nossa equipa representativa, longe estávamos de pensar que seria a própria equipa que criaria o motivo que justificasse o futuro de esperança, que é necessário existir, para a recuperação do Vitória na tabela da classificação do Nacional.

Justificando aquilo, que nós já muitas vezes aqui temos escrito, a equipa vimeirense exibiu-se no Campo dos Arcos demonstrando capacidade evidente e alcançando um resultado de influência futura e de real valor. Parece que definitivamente se resolveu também enveredar por aquele caminho que diversas vezes aqui apontamos. A equipa apresentada em Setúbal foi, quase na sua totalidade, a dos últimos jogos e assim, cremos, que a unidade, que possibilita eficiência, começa a aparecer e a produzir os seus efeitos. Por parte do público, não recebemos que este não compreenda a influência que a sua conduta pode ter para futuro e, assim, já no próximo domingo, há necessidade de receber o onze do Vitória com uma ovação estrondosa, demonstrativa da confiança e como estímulo para cometimentos que são necessários.

A crítica, na generalidade, assinalou com realce o resultado obtido pelo Vitória e o mérito do seu jogo. Todos foram unânimes em afirmar a justiça do resultado, entendendo-se até, que se porventura houvesse um vencedor este não poderia ser outro senão o Vitória. Uma síntese dessas críticas, pode-se ver nos títulos das diversas crónicas, publicadas nos vários jornais:

«Os vimeirenenses tiraram partido do mau terreno e impuseram um empate» *O Século*.

«O mau tempo prejudicou o trabalho das duas equipas» *Record*.

«Os vimeirenenses alcançaram um merecido empate» *Jornal de Notícias*.

«Os vimeirenenses, explorando o contra-ataque, estiveram duas vezes à frente do marcador» *O Comércio do Porto*.

«Uma bela exibição de Lobato esteve na base do êxito minhoto» *Primeiro de Janeiro*.

«Lama, chuva, muito suor... e o resultado certo» *Diário de Lisboa*.

«A vitória de qualquer dos Vitórias aceitar-se-ia também como o empate» *Mundo Desportivo*.

«A equipa minhoto (mais pesada) teve no estado lamacento do terreno um excelente auxiliar» *A Bola*.

O Vitória alinhou com Lobato; Cesário e F. Costa; Silveira, Cerqueira e J. Costa; Bibelino, Elói, Lutero, Miguel e Rola, e os setubalenses com Carvalho, depois Baptista; Jacinto e Orlando; Vaz, Graça e Pinto de Almeida; Matos, Soares, Fernandes, Casaca e Bastos. O resultado foi feito na 1.ª parte, estando sempre o Vitória de Guimarães com vantagem no marcador; marcaram pelos vimeirenenses, Elói e Bibelino, e pelos seus adversários, Fernandes e Bastos.

Os outros resultados foram os seguintes:

Porto, 2-Covilhã, 0; Atlético, 1-Benfica, 2; Académica, 1-Boavista, 0; Braga, 4-Lusitano, 0; Barreirense, 1-Cuf, 2, ficando a classificação, no final da 1.ª volta, ordenada do modo seguinte:

Benfica, 20 pontos (31-10); Braga, 19 p. (28-18); Sporting, 17 p. (37-14); Porto, 17 p. (31-13); Beirenenses, 16 p. (27-18); Académica, 14 p. (29-24); Atlético, 14 p. (19-20); Cuf, 13 p. (17-21); Barreirense, 12 p. (15-17); Setúbal, 11 p. (22-27); Lusitano, 9 p. (19-34); Vitória, 7 p. (14-23); Boavista 7 p. (12-24); Covilhã, 6 p. (12-30).

Hoje inicia-se a 2.ª volta, com os jogos seguintes:

Vitória-Lusitano; Porto-Belenses; Sporting-Braga; Barreirense-Covilhã; Atlético-Boavista; Académica-Cuf; Setúbal-Benfica.

O Vitória tem hoje um encontro que tem necessidade de vencer. O resultado da 1.ª volta, desfavorável por 1-2, pode ser recuperado, o que nos coloca em vantajosa situação. Para isso o público vimeirenense tem de seguir aquela conduta que mais de uma vez lhe temos indicado — incitamento constante, aplauso em todas as emergências, gritando *Vitória! Vitória! Vitória!* de tal maneira que os jogadores sintam aquele apoio que obra os grandes triunfos. E um grande triunfo, por todas as razões, é desejado hoje como nunca...

L. R.

Annúncios nas NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

TORNEIOS REGIONAIS: Clube de Caçadores de Guimarães

Aviso Convocatório

O único jogo do Campeonato Regional de Júniores, que uma equipa vimeirense tinha de disputar no último domingo, era o Desp. F. Holanda-Vianense, que não se chegou a realizar por o árbitro dar o campo como incapaz para a prática do futebol. Um contratempo que o novel e simpático agrupamento escolar não pôde evitar e que lhe pode trazer prejuízos irreparáveis.

O encontro de reservas Braga-Vitória também não se realizou, dizem-nos, a pedido do clube bragançense. Aqui está um torneio, cujo interesse se vai perdendo, em virtude da irregularidade da disputa do mesmo, o que não se justifica, pois nos parece que a Associação Regional frisou, em devido tempo, que ia pugnar pela regularidade das suas provas. Afinal tudo continua como antes, ou melhor, como antes queriam qualquer dos grandes do nosso futebol regional.

Para hoje estão marcados os jogos de júniores Vitória-F. C. Fafe, às 10 horas, no Campo da Amorosa, e Sp. de Braga-Desp. F. Holanda, em Braga, à mesma hora. Também se deve realizar o jogo adiado Braga-Vitória, em reservas, mas já nada garantimos, pois os calendários podem ser alterados por *tudo ou qualquer motivo imprevisível*...

CALENDÁRIOS

Da Casa Bezerrinho de Ouro (Couro) Lid.ª, do Rio de Janeiro, recebemos dois lindíssimos calendários para o ano corrente, assim como uma dúzia de lápis, o que nos cumpre agradecer, retribuindo os desejos de feliz Ano Novo, que acompanharam aquele brinde.

— Da firma Luís Teixeira de Carvalho & Irmãs Lid.ª, desta cidade, recebemos também dois vistosos calendários para o corrente ano.

— Também nos ofereceram lindos calendários para 1955 as firmas João Nunes de Sequeira, de Santo António das Areias; Armazéns Carmelo, desta cidade, e Couto, Lid.ª, do Porto.

— Por intermédio da firma Fernandes Guimarães & Irmão, Sucr., recebemos dois calendários e duas interessantes carteiros para fósforos, oferta da importante Companhia de Seguros «Portugal Previdente».

A todos, os nossos agradecimentos.

Pela Polícia

A Secção de Justiça da Polícia de Segurança Pública, orientada pelo seu Comandante, continua a desenvolver actividade para limpar a cidade de ratoneiros e, assim, tocou a vez a José Mendes de Araújo, caidador, morador em Além, freguesia de Sande, que andando a trabalhar há já tempos a esta data, nas obras dos Paços dos Duques de Bragança, roubava com certa habilidade, de dentro da carteira do encarregado das respectivas obras e por diversas vezes, várias importâncias em dinheiro, que gastava em proveito próprio. Foi enviado a Tribunal.

Também foi preso e enviado ao Tribunal, com o respectivo processo, Manuel Henriques, «O Chio-las», casado, tendeiro ambulante, morador na rua Dr. Roberto de Carvalho, desta cidade, por ter praticado inúmeros assaltos à fábrica do sr. José Marques de Macedo, casado, industrial, morador na mesma rua, donde levou grandes quantidades de dúzias de pares de meias de algodão, racho, etc.

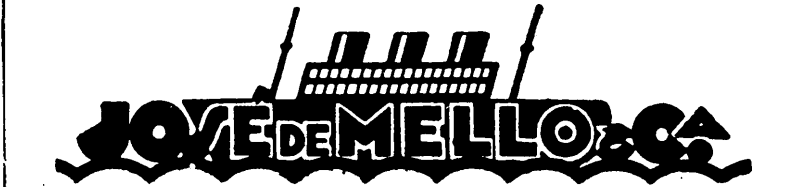
Destes roubos, ainda lhe foram apreendidos alguns pares de meias, que vendia ao desbarato.

No mesmo processo, foram como encobridores destes roubos, Jerónimo Ribeiro Júnior, casado, e Alberto Lopes, casado, tendeiros, ambulantes, moradores no Bairro do Esquerdo, freguesia de Fermentões, deste concelho.

Encontra-se depositado na Polícia de Segurança Pública, para ser entregue a quem provar pertencer-lhe, um broche com pedras finas, que foi encontrado numa das ruas da cidade.

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



S U C E S S O R A

Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIO: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO

Telefones: 21075 e 21074 — Est. 57

ARMAZÉM EM MATOSINHOS

Telef. Mat. 647

Teatro Jordão

HOJE, N.º 15 E N.º 21 HORAS

APRESENTA

CHUVA

com Rita Hayworth e José Ferrer. Baseado na novela do mesmo nome que se deve à pena brilhantíssima do maior escritor contemporâneo "SOMERSET MAUGHAM". (Espectáculo para maiores de 18 anos)

TERÇA-FEIRA, 11--N.º 21 HORAS

As mulheres amam assim

com Maria Schell e Kurt Meisel. A mais bela história de amor e pecado jamais filmada com a amorosa n.º 1 do cinema. (Espectáculo para maiores de 18 anos)

QUINTA-FEIRA, 13--N.º 21 HORAS

TAPETE MÁGICO

com Lucille Ball e John Agar. Um conto das mil e uma noites de aventuras e gargalhadas. (Espectáculo para maiores de 13 anos)

SÁBADO, 15--N.º 21,30 HORAS

Em Sessão Popular

A Vingança do Corsário

com Maria Montez e Jean Pierre Aumont (Espectáculo para maiores de 13 anos)

Feira e Romaria de Santo Amaro

No próximo sábado, dia 15, realiza-se na freguesia de Mascoteiros a feira anual de Santo Amaro, que costuma ser muito concorrida e fértil em transacções.

No mesmo lugar e no domingo imediato, dia 16, efectuar-se-á a romaria, que é sempre muito concorrida e animada.

AGRADECIMENTO

Joaquim Ferreira, marido da funcionária dos C. T. T. Maria Benedita Pereira Machado, vem publicamente testemunhar o seu grande reconhecimento e agradecer a todas as pessoas amigas que honraram com a sua visita, na cidade do Porto e na sua residência, e muitas outras que sempre se interessaram pela saúde de sua esposa, quando da sua operação feita na Ordem do Terço, do Porto, bem como o seu profundo agradecimento aos Ex.ªs Clínicos assistentes na operação e em especial ao Ex.ª Sr. Dr. José Maria Rodrigues de Carvalho, seu médico assistente e operador, pela grande dedicação, carinho, bom êxito na operação à vista, bem como à Ex.ª Directora e Irmãs e todo o pessoal daquela Ordem.

Não podia deixar de louvar a Ex.ª Administração Geral dos C. T. T. pela grande obra criada «Obras Sociais dos C. T. T.», em benefício de todo o funcionalismo, prestando-lhe toda a assistência, provando assim ser uma das maiores obras existentes no País. A todos o mais profundo reconhecimento e sincero MUITO OBRIGADO.

Resposta a esta redacção às iniciais — V. P. 19 Joaquim Ferreira.

Francisco Joaquim de Freitas Pereira

Ex-Interno da Maternidade dos Hospitais da Universidade de Coimbra

MÉDICO ESPECIALISTA

PARTOS — DOENÇAS DOS RECEM-NASCIDOS

A abrir brevemente consultório nesta cidade

«CARI»

Casimiro Ribeiro

Obras Públicas e Edificações Gerais

TELEFONE 4609 PEVIDÉM End. Teleg. CARI 18

J. MONTENEGRO

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS — ALTA E BAIXA TENSÃO

Largo 28 de Maio, 78-1.º — Tel. 4510

GUIMARÃES 15

TUBOS GALVANIZADOS!...

A Competidora de Representações, L.ª

É a única firma no concelho importadora de TUBOS GALVANIZADOS. Mas não os importa de parede reduzida, porque têm: Menos parede, menos peso e menos duração.

RUA DA RAÍNSA N.º 115 — TELEF. 4523

GUIMARÃES 415

EDITAL

Imposto de Trabalho

António Rodrigo de Araújo Pinheiro, Vice-Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Guimarães:

FAZ SABER que, nos termos do disposto no § 4.º do Artigo 707.º do Código Administrativo, se acha patente, na Secretaria desta Câmara Municipal, durante o prazo de 8 dias, com início em 15 de Janeiro, o mapa do lançamento do Imposto do Trabalho, para os contribuintes o poderem examinar.

Para conhecimento geral, se publica o presente e idênticos, que vão ser afixados nos lugares do costume.

É eu, Gaspar Gomes Alves, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal, o subscrevi.

Paços do Concelho, 15 de Janeiro de 1955.

O Vice-Presidente,

António Rodrigo de Araújo Pinheiro. 29

LOJA Passa-se no centro da cidade. Esta redacção informa. 12

CASA ESTRELA SAPATARIA

Rua de S. Dâmaso, 121-123 (Junto à Marisqueira) 16

Consertos e limpezas de calçado Calçado novo e por medida

Mande consertar calçado nesta Casa.

FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários

WANDSCHNEIDER & C.ª, L.ª

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. [Est. 17] PORTO [Comp. 21 404] 14